



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

SANDRA ROSADO ANDREATTA

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-

Entrevistado/a: Sandra Rosado Andreato

Nascimento: 09 de março de 1946

Local da entrevista: CEME

Entrevistador/a: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Data da entrevista: 08 de abril de 2014

Transcrição: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Copidesque: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Pesquisa: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Total de gravação: 01h11min

Páginas Digitadas: 12 páginas

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Maria Luisa Oliveira da Cunha sobre a Escola de Dança João Luiz Rolla

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Identificação; Envolvimento com a dança; Aulas com o Professor Rolla; Estilo de trabalho do Professor Rolla; Locais da Escola de Dança João Luiz Rolla; Escola dirigida por um bailarino; Espetáculos; Escolas existentes na época; Estrutura de aula e avaliação final do curso; Certificação do MEC; Viagens de estudos do professor Rola; Aulas com professores convidados; Alunas que seguiram carreira; Criticas nos jornais sobre os espetáculos; Período após a formação o contato com o Professor Rolla; Relato final; Agradecimentos.

Porto Alegre, 08 de Abril de 2014, entrevista com Sandra Rosado Andreatta a cargo da pesquisadora Maria Luisa de Oliveira da Cunha para o projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

M.C – Gostaria que tu disseses o teu nome completo, data de nascimento, teu estado civil.

S.R.A – Sandra Rosado Andreatta, sou casada e nasci em 09 de março de 1946

M.C.– Sandra quando e onde tu iniciaste a estudar dança?

S.A. – Eu comecei na escola de João Luiz Rolla quando ele iniciou a escola. Eu fui aluna dele desde 1951. O seu Rolla era aluno mestre da Tony Petzhold¹. Aluno mestre. Ele era partner de diversas bailarinas e dava aulas. Então tinha um grupinho que eram umas quatro ou cinco meninas que começamos a ser alunas dele neste ano de 1951. Ele deixou a escola da Tony e abriu uma escola onde era o cinema Cacique antigamente! Era um prédio com uma escadaria bem comprida de madeira e lá em cima tinha um salão e lá ele iniciou a primeira escola dele em 1951. Éramos as primeiras alunas dele. Era eu a Tânia Heloísa² e tinha mais três mas eu não lembro o nome delas.

M.C. – Então você deixaram a escola da Dona Tony para fazer aula na escola de João Luiz Rolla?

S.A. – Sim porque era ele quem nos dava aula lá na Tony! Então ele era aluno e professor dessa turma de pequeninhas com cinco anos. Depois dali ele foi para o Edifício União na esquina da Avenida General Câmara com a Rua da Praia. A escola ficou muitos anos ali e cresceu muito a partir da mudança

M.C.– Quem te incentivou a dançar?

S.A. – A minha mãe. Eu sempre fui apaixonada pelo balé desde muito pequeninha. Na verdade eu entrei na escola com quatro anos de tanto que eu gostava de dançar. A minha mãe me levava e ficava esperando. Era uma hora de aula que nós tínhamos. A Tânia Heloisa vai falar de uma coisa que ficou na nossa memória para sempre que é a famosa expressão “ponta ponta cai” que era pra aprender passos de valsa. É a marcação ternaria da valsa. Até hoje quando a gente se encontra ela lembra e ela é minha amiga desde lá. Hoje a

¹ Tony Seitz Petzhold

² Tânia Heloisa de Araujo Arigoni, ex-aluna da Escola de dança João Luiz Rolla.

gente continua essa amizade que brotou de lá. Só tinham três escolas de balé em Porto Alegre a Lya Bastian Meyer³, a Tony Petzhold⁴ e depois o Seu Rolla. Eram só eles que eram professores de balé. Então quem queria dançar balé tinha que ir numa dessas escolas. Eu tinha minhas primas que dançavam na Lya e depois em seguida veio a Salma Chemale⁵ que é da época também mas a Salma já veio um pouquinho depois do seu Rola. Inclusive a Tony está fazendo agora o centenário e o Seu Rolla fez agora dois anos atrás... A gente fez até aquela exposição aqui em 2012... Ele era de 1912. E a Tony era de 1914. Por sinal estão fazendo uma coisa muito bonita lá, uma associação. A gente podia ter feito isso pro seu Rola também as gurias não lembraram disso aí, as Roletes! As aulas, enquanto a gente era pequenininha, eram duas aulas por semana de uma hora de duração. Ele tinha uma varinha mágica... Essa varinha ficou famosa por ele... Depois as minhas filhas não gostaram da varinha. Mas essa varinha ela era mágica mesmo... pra postura eu já estou quase com setenta anos mas a postura do balé a gente carrega pro resto da vida. E eu acho isso muito importante. O balé é uma arte incrível como disciplina. O Seu Rolla era muito disciplinador, muito amigo, muito cuidadoso com a postura e eu acho que isso a gente leva pro resto da vida.

M.C. – Me fala sobre a utilização desta varinha em aula...

S.A. – Essa varinha era usada para muitas coisas. Primeiro para as costas ele encostava essa varinha e a gente já se ajeitava. Se era o andeour que ele não gostava ele encostava a varinha e tu tinha que abrir os pés. A gente já sabia qual parte tinha que corrigir sempre se sabia. Se era aqui, tinha que empinar aqui. Tudo tinha um lugar certo. A minha filha Daniele foi diagnosticada por um ortopedista na época que disse, ela com cinco anos: “sua menina é côncava.” Ela usava aquelas botinhas ortopédicas e o joelho pra dentro. Ele fez um raios-x e disse que a bacia dela era toda para dentro. Eu sai chorando do consultório. Quando eu sai de lá eu disse pra minha mãe: “vou colocar ela no balé! Ela vai parar de usar essas botas e vai pro balé!” Danielle tem uma postura hoje, teve dois filhos com parto normal!

M.C.– Me fala sobre os locais onde a escola funcionou

³ Eliane Clotilde Bastian Meyer Schimitz

⁴ Antonia Seitz Petzhold

⁵ Salma Chemale

S.A. – Bem, depois desse endereço fomos para a rua Marechal Floriano e ali a escola ficou muitos anos com muitos alunos. Foram os anos áureos da escola. Eu não sei eu acho que chegou a ter 300 alunos! Era uma coisa louca! Na Marechal Floriano era um andar inteiro de um edifício tem até hoje o edifício, a entradinha na lateral. Ele alugava um andar inteiro era um salão grande com barras, espelhos e ali eram dadas todas as aulas porque na verdade nessa época era só ele que dava aula. Mais tarde, eu lembro que quando nós fomos ficando mocinhas tinha algumas um pouco mais velhas que eu, que já eram alunas mestra e estas davam aula para as pequenas com o acompanhamento dele. O curso de dança durava nove anos, nós tínhamos a formatura no Teatro São Pedro era um evento! A mesa era composta por um oficial da Secretaria de Educação e mais autoridades. Eu me formei com treze anos e depois continuei. Eu sai do bale às vésperas de casar. Eu sai com dezoito anos e casei com vinte e depois voltei em seguida com a minha filha. Mas o Seu Rola foi muito famoso naquela época!!

M.C.– Gostaria que me falasse sobre ser uma escola dirigida por um bailarino, um homem.
S.A. – Ele era um homem elegante, educado e fino. Nunca se soube se o Seu Rola era homossexual, ele tinha trejeitos femininos. Ele era um apaixonado pela dança e ele dizia isso pra nós depois quando nós éramos mais velhas que ele tinha orgasmos com a dança. Ele era uma pessoa que viveu a vida inteira para dança. Ele tinha um ouvido que era uma coisa deslumbrante. Ele brigava com as pianistas quando elas não acertavam aquela música porque o ouvido dele era perfeito tinha uma batida de ritmo e eu achava incrível aquilo. E ele passava pra gente aquela paixão pela dança ele conseguiu passar aquilo porque era uma paixão quando ele fechava os olhos me lembro assim parece que estou enxergando ele... Ele dizia: “eu fecho os olhos e enxergo aquilo que ele estava criando.” Ele criou coreografias aqui em Porto Alegre que tu olha depois... Eu tenho lá em casa jornais e jornais com críticas... Coisas nunca vistas, espetáculos assim como Gran Canyon...A Sônia Lenck⁶ no espetáculo do Gran Canyon era o sol e a coreografia era incrível. Ela era o sol como uma malha amarela dourada com os raios do sol... Nunca ninguém tinha visto nada parecido. Ele foi muito inovador. Teve um espetáculo uma vez que era Assassinato na Décima Avenida este balé eu não dancei... Foi acho o último ano que eu estava no Seu Rolla. Eu lembro que meu noivo, agora meu marido há quase cinquenta anos, achou que aquilo eu não podia dançar e eu fiquei muito braba na época. E eu me lembro do meu pai

⁶ Sônia Lenck, ex-aluna da Escola de dança João Luiz Rolla.

dizendo que tu quiser dançar tu danças! E aí eu não quis arrumar rolo porque as bailarinas dançavam numa avenida de prostituição e este assassinato acontecia num café daqueles assim... Ela saindo do bordel e as roupas eram todas vestidos bem sensuais com as pernas todas de fora daí eu ensaiei muito aquilo, mas eu não dancei. Era um balé moderno então não era pontas. Neste balé tinha a Manon Freire⁷ que fez um Pax de deus maravilhoso em que ela morria e esse pax de deus é uma coisa que tu chorava vendo... Mas o resto das bailarinas todas elas usavam até sapatos de salto. Então foi uma coisa muito inovadora porque aquilo era balé ele apresentava o balé clássico mas aquilo foi um plus... O espetáculo Assassinado na Décima Avenida foi comentadíssimo. O balé do Grand Canyon que era em cinco atos foi uma coisa também deslumbrante. O Cattani⁸ era o figurinista dele e ele deixava Cattani quase louco porque ele sonhava...

M.C.– Quem era o Cattani?

S.A. – Cattani era um figurinista de roupas e se especializou em fantasias. Depois desenhou para o carnaval, ele participava de concursos. Cattani era maravilhoso! Cattani já era bem desmunhecado. Lógico ele tinha aquele jeito delicado de falar porque também só transitavam no meio de mulheres imagina ele no meio de 300 mulheres não poderia ser masculinizado. Eu era apaixonada mesmo por ele.

M.C.– Tu lembras de tuas colegas de turma?

S.A. – Sim. Consigo lembrar de algumas colegas. Uma já faleceu ela foi até a vereadora em Porto Alegre Gladis Constança Bernardes, também a Alda Maria Portugal, a Tânia Heloísa Araújo, Rosa Maria, Maria Teresa Sporleder e a Aleixa⁹.

M.C.– Me fala um pouco sobre a estrutura das aulas

S.A. – As aulas começavam na barra a gente tinha lugar na barra e começavam os exercícios de plie, demi plié, ponta quando era na ponta, meia ponta. Tinha um cinco ou seis exercícios que se faziam na barra para os dois lados para usar as duas pernas tudo que era feita de um lado era feito do outro e depois agente vinha para o centro onde faziam os saltos os giros e depois sempre tinha alguma coreografia. Quando ele começava o ano em Março ele já tinha idealizado o espetáculo que ia ser feito no fim do ano. Então tudo já

⁷ Manon Freire, ex-aluna da Escola de dança João Luiz Rolla.

⁸ Dirson Cattani, ex-aluna da Escola de dança João Luiz Rolla.

⁹ Nome sujeito à confirmação.

começava voltado para espetáculo. A gente já ouvia as músicas que iam ser feitas depois fazendo as aulas tudo para já habituar o ouvido isso desde pequenininhas. Ele tinha uma turma de pequenininhos que ele colocou no palco tipo soldadinhos de chumbo: trinta todos iguais todos fazendo a mesma coisa tudo crianças de quatro ou cinco anos. Eu achava o máximo isso, essa disciplina dele! Eu vejo hoje na escola da Maria Cristina Futuro¹⁰ que foi aluna dele. Quando eu vejo os espetáculos eu enxergo seu Rolla e ela me disse: “pois é Sandra a gente aprende e não esquece.” É uma disciplina militar mas acontece que eu já fui a muito espetáculo de dança que as crianças chegam no palco e começa a olhar para a plateia e se perdem e criança é fácil de fazer isso. As crianças do seu Rolla não faziam isso. Bem voltando então, a aula depois da parte do centro tinha coreografia que já era planejada. Então ele já começava uma entrada ou era alguma coisa que ele já começava a escolher os personagens.

M.C. – Ele dançava junto e tinha as coreografias de memória?

S.A. – Sempre dançava junto e ele decorava todas as coreografias! Ele não pedia ajuda e tinha todas as coreografias na cabeça e era uma coisa incrível porque ele sabia aquelas danças de fora a fora! E se tu errasse isso aqui, na hora ele falava. A gente cuidava muito pra não errar porque ele era perfeccionista. Ele era muito perfeccionista em tudo! Ele passava essa disciplina na aula ninguém conversava! Tinha uma que se chamava Sandra maluca. Eu era a Sandra Rosado e ela era Sandra maluca que era a Sandra Gonçalves¹¹. E quem apelidou ela assim foi ele mesmo porque ela queria sempre conversar. Ela não era da minha aula nós não fazíamos aula juntas. Quando juntavam grupos maiores para ensaio a Sandra teve muitos atritos com ele. Porque ela era muito desbocada e quando ela ficou maior ela brigava muito mas sempre foi apaixonada por ele. Hoje ela é treinadora lá no Grêmio Náutico União de ginástica olímpica. Já viajou o mundo inteiro com ginástica olímpica é uma coreógrafa de mão cheia parecida com o seu Rolla.

M.C.– Gostaria que tu falasses um pouco sobre a avaliação que era feita para a troca de nível

S.A. – Nós passávamos por uma banca avaliadora onde ele convidava sempre umas personalidades. Eu lembro das pessoas a Salma Chemale muitas vezes foi, eram algumas

¹⁰ Maria Cristina Futuro, ex-aluna da Escola de dança João Luiz Rolla.

¹¹ Sandra Gonçalves, ex-aluna da Escola de dança João Luiz Rolla.

senhoras todas elas ligadas à cultura, ligadas a dança de alguma maneira. Nós tínhamos muito receio daquela banca examinadora. Aquela banca era no fim do ano e todas as alunas desde as pequeninas alguma coisa tinham que saber fazer no fim do ano. Um giro um salto tudo na tua dificuldade. Depois tinha um prêmio, tinha prêmios para assiduidade eu ganhei muitos porque eu não faltava quase nunca aula que era uns quadros de bailarinas. Tinha um prêmio que era sorteado entre todas as gurias todas assinavam atrás e tinha prêmio daquela que tinha tirado a melhor nota. A Zelira¹² foi uma das bailarinas que ganhou este prêmio e ele era apaixonado pela dança da Zelira. Num espetáculo de balé do Grand Canyon nos éramos os moares, os cavalinhos. Eu, a Tânia e a Zelira também. Tinha os cavalinhos pretos e os cavalinhos marrons e se encenava dentro do Grand Canyon e a Zelira fazia um solo. E na noite de estreia o Teatro São Pedro em peso levantou porque ela fez 32 fuetes e ele chorava lá dentro. Porque ela fez mais do que ela tinha feito em todos os ensaios. Eu acho que ela enlouqueceu ele! A plateia em peso do São Pedro levantou porque ela parecia uma piorra girando no palco. A coisa mais linda... Ela não deve esquecer disso porque foi muito lindo.

M.C. – Tu lembras de alguém do MEC nesta banca de avaliação

S.A. – Sim, tinha membros do MEC e nós tínhamos um diploma e este diploma me deu oportunidade mais tarde como professora normalista fiz um pedido para dar Educação Física em caráter interno e com este diploma eu consegui. Eu vinha todos os meses de julho aqui na UFRGS fazer um curso de inverno onde ensinavam muito jogos e brincadeiras que se passava depois para as crianças mas eu não tinha titulação para Educação Física e foi com diploma do Seu Rolla que eu consegui isto e quem me autorizou foi a própria Secretaria de Educação.

M.C. – Quando vocês recebiam o certificado autenticado pelo MEC?

S.A. – No dia da formatura no teatro São Pedro numa cerimônia maravilhosa, linda. Nós fazíamos também um álbum no final do curso... Eu tenho esse álbum e a Daniele minha filha também fez esse álbum. A gente pesquisava... Ele mandava pesquisar pra gente ver como era a dança nos outros países... Era muito legal ele falava das danças gaúchas também... Ele dizia que quem dança tinha que conhecer todas as danças! Então a

¹² Zelira Mendes Einchemberg, ex-aluna da Escola de dança João Luiz Rolla.

gente conhecia todos os ritmos! Ele era muito perfeccionista pra essas coisas assim. No diploma diz balé clássico e contemporâneo.

M.C.– Tu sabes me dizer algo sobre viagens que o professor fazia para estudos?

S.A. – Ele foi a Buenos Aires não mais que Buenos Aires. Ele nunca viajou para Europa. Era de onde ele trazia muitas coisas de discos long-play novos porque naquela época Buenos Aires tinha e aqui não.

M.C.– Tens informação sobre os locais em que a escola funcionou?

S.A. – Eu acho que a sala da Alberto Bins era dele porque foi antes de nós irmos para o Araújo Viana porque daí já eram as minhas filhas que dançavam não era eu. Nessa sala era um pouquinho antes de chegar no Viaduto da Conceição. A sala também era uma sala única um salão grande com a secretaria que ele tinha na entrada uma pessoa que atendia para matrícula. Lá na Alberto Bins eu já era aluna mestra eu até ganhava um salário. As coreografias sempre foi ele quem fez ele passava as coreografias pra nós e depois nós passávamos para as crianças.

M.C.– O professor costumava convidar outros professores para ministrar aulas em sua escola. Tu participastes destas aulas?

S.A. – Sim. Fiz aula com um que eu acho que era russo, careca, ele era um bailarino de mão cheia. Estas pessoas vinham de visita aqui com companhias de dança, na época nós já éramos moças. E só quem faziam aulas eram as alunas mestras. Lembro de um que minha filha chegou a fazer umas aulas com ele era aqui na independência Alexander Sideroff.

M.C. – Lembras de colegas da dança que despontaram em carreira profissional?

S.A. – A Maria Cristina Futuro, a Lenita Ruschel Pereira¹³. A Carlota¹⁴ teve muito tempo uma escola de dança fora daqui no interior não lembro onde... Tem também o Balé Redenção, também teve um grupo que a Sayo¹⁵ dançou e depois ela foi embora pra Alemanha. Porque depois teve uma época também que este grupo mais jovem grupo da Regina¹⁶, elas ensaiavam profissionalmente. Na época eu já era casada com filhos eu acho

¹³ Lenita Ruschel Pereira, ex-aluna da Escola de dança João Luiz Rolla.

¹⁴ Carlota Albuquerque, ex-aluna da Escola de dança João Luiz Rolla.

¹⁵ Sayonara Pereira, ex-aluna da Escola de dança João Luiz Rolla.

¹⁶ Regina Adylles Endler Guimarães, ex-aluna da Escola de dança João Luiz Rolla.

que nessas alturas já tinha até netos. Tem também a Gutierrez¹⁷, a Dullius¹⁸ não foi aluna dele e tem também a Vera Bublitz¹⁹ que também não foi aluna dele mas era apaixonada por ele. Ela mandava ingressos e ele me convidava para ir. Ela tinha paixão pelo Seu Rolla em todos os espetáculos dela ele era o convidado de honra, sempre mencionava o nome dele.

M.C. – Como eram as críticas nos jornais após os espetáculos?

S.A. – A gente corria no outro dia para ir buscar o jornal para ler por que eram críticos de arte. Ah era uma festa porque depois do dia da estreia meu Deus... Era uma festa no outro dia todo mundo com jornal na mão e sempre eram assim muito rasgados de elogios. Eram bales muito lindos. Cada um marcava por uma coisa tinha os clássicos Brahms, Chopin... Era um quadro muito lindo porque aquelas fantasias eram milimetricamente feitas. A minha mãe participou muito dessa fase das fantasias pra escolher os tecidos porque minha mãe sempre costurou e ele sempre a chamava, a mãe da Tânia Heloisa e a dona Zeli que era mãe da Zelira ela costurava muitas fantasias para nós. Às vezes no dia do espetáculo era aquela correria para terminar.

M.C. – Me fala sobre o período em que tu saíste da escola

S.A. – Quando eu sai eu fui ser professora de escola de primeira série até que faltou professor de Educação Física no meu colégio mas eu nunca deixei de ir assistir os espetáculos dele. Os espetáculos eu ia assistir sempre. Fui fazer a prática de dança depois com a ginástica rítmica porque era uma mescla da dança e eu sempre gostei de dançar. Até hoje tenho vontade de voltar mas eu não tenho tempo.

M.C.– E qual tua atuação profissional hoje?

S.A. – Eu hoje sou professora de personal eu atendo em casa faço programa de reeducação postural e as minhas alunas tem entre oitenta e noventa anos e são uns amores.

M.C. – Agora estamos encaminhando para o final da entrevista e neste momento tu podes deixar o teu registro final

S.A. – Eu acho brilhante ideia, brilhante ideia, de falar sobre João Luiz Rola porque uma grande mágoa que ficou em mim e eu acho que em muitas de nós porque nós tentamos

¹⁷ Elisabeth Gutierrez, ex-aluna da Escola de dança João Luiz Rolla.

¹⁸ Marion Dullius

¹⁹ Vera Bublitz

junto aos órgãos governamentais na época em que seu Rolla ainda estava bem de cabeça e ele era uma enciclopédia viva da dança e a gente esteve na época com Ruy Carlos Ostermann²⁰ ele era Secretário da Educação na época, ele adorou a ideia. Nós queríamos um espaço nós queríamos um lugar quando seu Rolla teve que fechar a escola. Nós queríamos que ele estivesse num lugar que fosse de dança. Naquela Casa Mário Quintana nós fomos mil vezes lá! Nos só queríamos uma sala... Coloca ele aqui e com todo material que ele tem... Ele vai falar o dia inteiro sobre dança! Nós não conseguimos isso. Então isso é uma mágoa que ficou. Eu acho que seu Rola adoeceu por ele ficou ocioso isso foi muito triste da gente acompanhar. Ele tinha sobrinhas netas ele teve duas isquemia começou a ficar esquecido elas colocaram ele numa clínica quando eu ia visita-lo na clínica eu saía de lá sempre chorando. Mas foi uma pena não aproveitarem ele. Eu acho que esses nossos governos não sabem o que é uma educação completa porque a dança faz parte da educação... a música tudo são complementos! Então seu Rolla poderia ter ajudado e teria vivido muito mais anos se ele tivesse espaço que nós não conseguimos. A gente bateu em diversas portas, prefeitura, governo todo mundo achava muito linda a ideia. Mas na hora de oficializar não dava. Como eu acho que essa nossa política é só política mas eles não cuidam mesmo de educar. Para o nosso povo tá faltando educação. Então essa minha mágoa de não ter podido ajudar ele nisto porque ele era um homem que sabia tudo de dança. Até aqui na UFRGS a gente pensou em ele ficar num lugar onde tivesse dança. Mas tu não consegues, parece mentira, mas tu não consegues. Então assim foi muito triste o final da vida dele. Porque ele poderia ter tido mais anos de vida se ele tivesse ficado envolvido na dança ele teria vivido mais e mais feliz porque ele realmente naquela clínica ele não era feliz . Ele foi um mestre e tanto e eu tenho certeza que muitas alunas devem ter dito isso dele porque ele era realmente encantador.

M.C – Finalizo agradecendo em nome do CEME por esta entrevista nos colocando a tua disposição. Muito obrigada Sandra!

FINAL DA ENTREVISTA

²⁰ Ruy Carlos Ostermann